

O VENDEDOR

RUBEM BRAGA

EXPLIQUEI que disponho de uma enceradeira, que funciona bem; e quanto a aspirador, não me interessava. Ele sorriu e disse que eu devia trocar a minha enceradeira antiga por uma nova. Não importa que a antiga esteja funcionando bem. Dentro de algum tempo passará a funcionar mal; pois o tempo, explicou, desgasta os motores e as coisas. Concordei com ele, mesmo porque já tenho alguma (e triste) experiência pessoal desse desgaste.

Poderia ter acrescentado: "já não falo do corpo, senhor, até as almas se cansam. Meu coração era imenso, e tem diminuído; acho que dentro de pouco tempo não será maior que uma castanha de caju. Está encurtando. Mas é preciso dar tempo ao tempo; quando a minha enceradeira não prestar mais, comprarei outra, e sou mesmo capaz de viver sem enceradeira, pois acredito que um ser humano é capaz de fazer essa proeza, embora o senhor não acredite que haja nada realmente tão indispensável no mundo a uma pessoa quanto uma enceradeira. A propósito, o senhor tem uma enceradeira?"

Esta última pergunta eu ~~me~~ pensei apenas; eu a fiz. O homem pareceu-me um tanto perturbado e fingiu não entender, respondendo que sim, estava ali perto dentro do carro, e pedia licença para trazê-la e fazer uma demonstração. Era visível, entretanto, que em sua casa não tinha enceradeira alguma, e muito menos aspirador; mas eu não quis humilhá-lo repetindo e esclarecendo a pergunta, pois sem dúvida ele deve viver secreta e permanentemente humilhado pelo fato de não possuir ele mesmo uma enceradeira e um aspirador. Trouxe a máquina, ligou o fio a uma tomada e começou a passear com ela pelo assoalho de meu escritório.

— É exatamente igual à minha — disse eu.

— O senhor desculpe, mas não é. A sua deve ser do último tipo de antes da guerra. É muito frágil.

— Já disse que está funcionando bem.

— Mas convém o senhor trocar logo por uma nova. Olha, vou lhe dizer uma coisa confidencialmente. Ainda dispomos de algumas enceradeiras fabricadas no estrangeiro, mas agora as importações estão difíceis e as novas vão ser fabricadas em São Paulo. O senhor compreende, não é a mesma coisa.

— Então as novas enceradeiras serão ruins? O senhor quer dizer que se eu não comprar uma nova enceradeira agora não me convém comprar mais tarde, não é? O senhor está me aconselhando a sabotar a indústria nacional. Não estou interessado em nada disso. Já lhe disse que a minha enceradeira está funcionando muito bem. O senhor não acredita?

— Sim, mas esse tipo que o senhor comprou tem vários defeitos. Este tipo novo...

— Neste caso eu deveria processar a sua firma porque me vendeu um objeto cheio de defeitos. E o seu colega que me vendeu disse que era uma perfeita maravilha, eu me lembro muito bem. Como quer o senhor que eu acredite em vendedores de enceradeira? O senhor está fazendo campanha contra a sua firma. Está criticando a enceradeira antiga e avisando que as mais novas serão ruins. Só diz que é boa essa que está aí. Como pode afirmar isso? O senhor acaso é encerador de casa, ou tem uma verdadeira experiência desse tipo de enceradeira? Não creio, porque é de importação muito recente. Além disso, movido por um baixo interesse comercial, o senhor está fazendo referências desairosas a um objeto que me pertence e que faz parte do meu lar. Naturalmente o senhor me julga um débil mental e me despreza pelo fato de ter em casa um objeto tão miserável quanto essa enceradeira que comprei à sua firma. Fique sabendo que esta casa é de um homem pobre, porém honrado. Pelo menos mais honrado do que qualquer vendedor de enceradeira!

O homem sorriu. Mas o que ele disse então fica para outra crônica.

1 mais a

16.8.49

215